

# ESTRANGEIRAS DOS TRÓPICOS (2018 - 2024)

Bárbara Lissa A. de Campos

O passado é uma terra estrangeira por excelência, a qual só podemos acessar desde o presente. Perante as memórias familiares que me constituem e que me atravessam, já não sou um só corpo, mas tantos corpos em tantos outros tempos, enquanto sou um corpo sempre a devir. Reconheço-me a medida em que entro em contato com o outro. Início meu relato como pertencente a mim ou a todas? Busco passar a limpo uma história, que enquanto viva, nunca se termina de contar.

*estrangeiras dos trópicos é um trabalho que reflete sobre os modos de habitar fronteiras. Parte de relatos e fotografias presentes em álbuns de minha família materna, lidas desde o sentimento de estranhamento perante as memórias e as lacunas que constituem as histórias das mulheres dessa linhagem, cuja gênese é desconhecida, pois minha avó, órfã de pai aos sete anos e de mãe aos três, nada sabe de seus predecessores, além de seus respectivos nomes. Uma origem fundada em muitas perguntas - intransponíveis. Minha avó Ilda – e suas filhas – migraram da área rural, em uma região de fronteira entre Resende Costa, Oliveira, São Tiago e Passa Tempo, no interior de Minas Gerais, para Belo Horizonte, a convite de sua irmã freira, na década de 1970, num período de êxodo rural, devido à industrialização da nova capital mineira.*

Neste percurso, na tentativa de se estabelecerem nessa recente cidade, cujo ideal de vida era distinto de onde vieram, ocuparam a periferia norte e foram vistas pelo olhar hegemônico local enquanto Outras, estranhas, estrangeiras, pelos saberes e hábitos do campo, bem como pela linguagem que marcava sua origem geográfica. “Alguns olhos nos encaravam como se fossemos bichos”, elas contam.

Minha mãe, por ser a última filha dos nove, viveu sua infância na capital, tendo uma vida diferente de suas irmãs, como, por exemplo, o acesso à educação. Distante temporalmente e culturalmente de seus irmãos, o estranhamento se repetiu. A estranheza é a própria familiaridade, pois até uma estranha busca um igual. Muitos anos se passaram, novas gerações vieram. Mas entre as gerações, o desenraizamento era hereditário.

Nesse choque entre tempos, espaços, culturas e gerações, este trabalho entrecruza imaginação e história coletiva. O estranho familiar aciona o espanto perante os movimentos da lembrança, do esquecimento e dos deslocamentos. Diante dessa genealogia lacunar, sem o reconhecimento de suas origens e sem um sobrenome compreensível, este trabalho propõe uma noção outra de parentesco e de pertencimento, que inclua uma relação de familiaridade com outro ente, as rosas, presentes nessa linhagem entre gerações, costurando os afetos dessas mulheres, como um elo entre elas. Desde a denominação “peregrina”, “peregrinus”, “peregrinum”, dada a plantas estrangeiras ou exóticas, este trabalho propõe outros modos de formar famílias, ao passo que também imagina rostos possíveis para as mulheres desconhecidas dessa linhagem. Afinal, pertencemos ao tempo; e ele nos atravessa e nos engole com sua boca grande.



Acervo pessoal.



Colagem digital.



Poéticas



Acervo pessoal.



Acervo pessoal.





Colagem digital.



Poéticas



Poéticas